

Habitando territórios: construções e desconstruções na educação em saúde sobre a sexualidade junto a adolescentes**Inhabiting territories: constructions and deconstructions in health education on sexuality among adolescents**

DOI:10.34119/bjhrv2n5-070

Recebimento dos originais: 27/09/2019

Aceitação para publicação: 25/10/2019

André Ribeiro de Castro Júnior

Enfermeiro. Mestrando no Programa Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde (PPCCLIS) da Universidade Estadual do Ceará – UECE
 Universidade Estadual do Ceará (UECE).
 Avenida Silas Munguba, 1700 – Itaperi, Fortaleza-Ceará, Brasil
 E-mail: andrecastrorcj@gmail.com

Marcos Augusto de Paula Santos

Enfermeiro pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL).
 Universidade Católica do Salvador (UCSAL).
 Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 - Pituáçu, Salvador – Bahia, Brasil.
 E-mail: marcosaugustodepaula@outlook.com

Fernanda Clara da Silva Ribeiro

Acadêmica de Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará – UECE
 Universidade Estadual do Ceará – UECE
 Avenida Silas Munguba, 1700 – Itaperi, Fortaleza-Ceará, Brasil
 E-mail: feclarinha_@hotmail.com

Isadora Catunda dos Santos

Assistente Social pela Universidade Estadual do Ceará. Supervisora do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCA
 Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCA
 R. Marlúcia, s/n - Mondubim, Fortaleza – Ceará, Brasil
 E-mail: isadora.catunda@institutocuca.org.br

José Rogério Felício

Técnico de Enfermagem do Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte – CUCA
 R. Marlúcia, s/n - Mondubim, Fortaleza – Ceará, Brasil
 E-mail: joserogério22@gmail.com

Maria Rocineide Ferreira da Silva

Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, professora
 Titular da Universidade Estadual do Ceará - UECE
 Universidade Estadual do Ceará (UECE).
 Avenida Silas Munguba, 1700 – Itaperi, Fortaleza-Ceará, Brasil
 E-mail: rocineide.ferreira@uece.br

RESUMO

Objetivo: Relatar experiência profissional na participação de projeto de extensão no diálogo com adolescentes sobre sexualidade e gênero. **Metodologia:** Trata-se de relato de experiência que descreve a realização de oficinas de diálogo com jovens no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte, situado no bairro Mudubim, na cidade de Fortaleza-Ceará, no período de março a novembro de 2018. **Resultados:** Tomando por base a experiência na extensão pode se dizer que tornou-se possível avançar nos espaços de discussão para com as juventudes sobre temáticas como a sexualidade. Por meio da Educação em Saúde o enfermeiro torna-se protagonista no cuidado onde o jovem se faz sujeito ativo no cuidar, gerando assim crescimento mutuo nos saberes. **Conclusão:** A aproximação para com a população nos territórios, dentre ela os jovens, abre espaços para melhores práticas de promoção da saúde.

Palavras-Chave: Enfermagem. Adolescente. Educação em Saúde.

ABSTRACT

Objective: To report professional experience in the participation of an extension project in the dialogue with adolescents about sexuality and gender. **Methodology:** This is an experience report describing the realization of dialogue workshops with young people in the urban center of Culture, Art, Science and Sport, located in the Mudubim neighborhood, in the city of Fortaleza-Ceará, from March to November 2018. **Results:** Based on the experience in the extension can be said that it became possible to advance in the spaces of discussion to the youths on themes such as sexuality. Through health education, nurses become protagonists in care where the young person becomes an active subject in caring, thus generating mutual growth in knowledge. **Conclusion:** The approximation to the population in the territories, among them the young, opens spaces for better health promotion practices.

Keywords: Nursing. Teenager. Health Education.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é entendida como transição gradual entre a infância e o estado adulto, marcada por mudanças físicas, psicológicas, sociais e comportamentais. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa fase compreende o período entre 10 e 19 anos, sendo caracterizada para além do desenvolvimento físico na construção da personalidade, identificação sexual e pelas descobertas de suas limitações (VIEIRO, 2015).

Entre os diversos aspectos que envolvem o desenvolvimento do adolescente, entra em destaque a sexualidade, nesta definição inclui-se os conceitos de gênero, identidade, papéis e orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. Para as juventudes é o experienciar de novas sensações e descobertas, que é influenciado pelas relações de poder, questões de gênero, valores, culturas, comportamentos, contextos políticos,

econômicos e espirituais, questões de raça/cor e modelos de sociedade. No contexto histórico da construção das sociedades, no qual eram estabelecidos direitos e deveres para homens e mulheres, as questões de gênero já eram algo a ser refletido. Nos modelos de sociedade em que observamos o patriarcado e o machismo, as mulheres reivindicaram igualdade nos direitos políticos, econômicos, sociais até mesmo direito ao corpo e à sexualidade, que até então encontrava-se em uma posição de subordinação aos homens (AMARAL et al 2017).

A construção da sexualidade e das questões de gênero na adolescência ainda se constituem enraizadas de tabus e desafios sobretudo no compartilhar de saberes e experiências junto aos pais, mães, responsáveis e aqueles do seu convívio social. Essa dificuldade no diálogo favorece a vulnerabilidade destes jovens, tendo como destaque Infecções Sexualmente Transmissíveis e gravidez na adolescência. Para além desse olhar biológico existem ainda o direcionar de relações sociais vulneráveis, com diferenças nos papéis de gênero. De um lado o homem pela sociedade, deve sempre estar pronto para o sexo, afirmando sua masculinidade e a mulher deve ser submissa ao desejo do parceiro e não ter autonomia sobre suas escolhas e seu corpo (AMARAL et al 2017).

Diante deste paradigma torna-se evidente a relevância de ações de Promoção da Saúde a fim de construir junto com o jovem estratégias educativas que visem fortalecer sua autonomia e o poder de decisão para mudanças de comportamentos. A Promoção da Saúde (PS) em seu conceito mais amplo pode ser compreendida como processo social, político, ético, histórico e cultural. Ao colocar o sujeito como ativo em seu processo de cuidar tem-se a elaboração de uma prática transversal e intersetorial, visando a criação e manutenção de um diálogo entre os diversos envolvidos no processo saúde-doença (MALTA, 2016).

Uma das estratégias de Educação em Saúde se faz pela Educação entre/de Pares (EP), sendo esta a troca de conhecimentos entre pessoas que têm o mesmo perfil e compartilha das mesmas experiências, o que facilita muito a troca de saberes e práticas (SANTOS et al 2017). Essa estratégia também pode ser percebida como tecnologia leve (MERHY, 2007).

Dentro dessa perspectiva as atividades de práticas extensionistas são consideradas como promotoras de interação entre vários sujeitos assim como vários setores da sociedade constituindo importante ponte entre o saber acadêmico e o saber popular em uma relação dialógica garantindo o reconhecer dos interlocutores como sujeitos portadores de saberes e direitos. Por conta dessa relação, a extensão universitária atua

numa relação teórica-prática que visa estabelecer elo entre o conhecimento e a realidade de mundo (CARVALHO et al, 2016). Estamos falando ainda do campo de produção de sentidos.

Perante esse modelo de prática o enfermeiro ganha destaque ao adentrar o território, incorporando práticas e saberes capazes de transformar realidades e direcionar novas práticas em saúde. Diante disso, o presente trabalho objetivou relatar experiência profissional na participação de projeto de extensão no diálogo com adolescentes sobre sexualidade e gênero.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência descrito pelos autores, sendo estes caracterizado pela inserção de mestrando do programa de Pós Graduação em Enfermagem Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, junto a acadêmicos de enfermagem na oportunidade da participação de um projeto de extensão da Universidade Estadual do Ceará, sendo este voltado a educação em saúde com adolescentes. Possui um olhar qualitativo, que abordou a problemática desenhada a partir de métodos observacionais e descritivos. “O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica” (DE LIMA CAVALCANTE, 2012).

A pesquisa narra trajetória experienciada no Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA), no bairro Mudubim, na cidade de Fortaleza-CE. No período de março a novembro de 2018. A pesquisa segue aprovada de acordo com a Resolução CEPE 3717. Trabalhou-se com jovens que realizavam atividades proporcionadas no espaço CUCA durante o período da tarde tais como, dança, teatro, música, ou até mesmo cursos profissionalizantes. Foram construídos diálogos sobre temáticas comuns a fase da adolescência, trabalhando temas como mudanças corporais, gravidez na adolescência, sexualidade, IST e métodos contraceptivos, dentre outros.

Em geral, as atividades contavam com 3 momentos distintos. Momento um: acolhendo os alunos selecionados de forma aleatória onde era apresentada junto aos alunos de Enfermagem a proposta da Oficina de Ideias. Acolher significa mobilizar afetos, esse momento diz respeito a um entrosamento, um momento de descontração, no qual haja possibilidade de aproximação dos participantes, pelo toque ou por movimentos(SOBRAL, 2004).

Os alunos eram convidados a uma atividade de integração onde se realizava uma dinâmica de apresentação. O objetivo dessa atividade era ‘quebrar o gelo inicial’ com uma maneira dinâmica de apresentação, acolhendo os alunos para os momentos seguintes da oficina. Após a atividade de integração, os alunos se acomodavam em círculo e era apresentada a proposta da Oficina de ideias.

A modalidade oficina é compreendida como proposta de ensino-aprendizagem compartilhada, por meio de atividades grupais, as quais proporcionam aos participantes um ambiente acolhedor e aprendizagem estimulante, visando à criatividade na busca de soluções. Diante disso, as oficinas permitem o estabelecimento de um espaço de reflexão e compartilhar de saberes, construído em conjunto com base nas vivências singulares, possibilitando a aprendizagem dos participantes (CARNEIRO, 2015).

Momento dois: chuva de ideias, ideias – uma tempestade! A palavra ideia pode ser empregada como um objeto qualquer do pensamento humano, ou seja, como uma representação em geral. Essa atividade é concebida para incentivar a livre produção do pensamento, sem restrições nem limitações. Funciona como um mecanismo de indução, que desenvolve do ponto de vista pedagógico, uma atitude interrogativa e reflexiva diante de um dado questionamento(SOBRAL, 2004).

Neste momento, eram utilizadas palavras geradoras relacionadas à temática em discussão. Solicitou-se aos alunos que ao visualizarem as palavras expressassem suas ideias acerca do tema. Os relatos foram diversos, conforme o entendimento pessoal de cada jovem. Constatou-se que essa atividade permitiu que os alunos tivessem contato com conceitos internalizados, aquilo que está no imaginário de cada um a respeito da adolescência e do adolescente. Essa atividade é entendida como atividade de desafio e ou de reflexão(SOBRAL, 2004).

Os participantes eram subdivididos em grupos e com o auxílio de lápis de cera, cola, pincéis, revistas, tesouras e folhas de papel tipo pardo, representavam como entendiam a adolescência e questões sobre mudanças corporais, sexualidade e infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. Essa atividade tinha duração de 50 minutos e os alunos se mostraram motivados. Foi possível observar que, durante o desenvolvimento, os alunos inicialmente discutiam entre si sobre o que cada um acreditava ser a representação desse adolescente e logo após buscavam uma forma de apresentação que atendesse às expectativas do grupo.

Para a finalização, o momento 3: os facilitadores estimulavam os alunos a debaterem e emitirem suas opiniões acerca das produções dos colegas, assim como faziam

complemento de forma sucinta e compreensível sobre a temática abordada. Logo após elaborava-se uma síntese daquilo que havia sido discutido, o que os alunos pensam saber sobre a adolescência e as ideias que estavam no imaginário sobre a adolescência no que diz respeito a dúvidas e anseios sobre o quão consciente a descoberta desse período deve ser.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando por base a experiência na extensão, torna-se imprescindível avançar nos espaços de discussão com as juventudes sobre temáticas como a sexualidade, o que se tem de percepção é uma ambiguidade nas realidades dos jovens, de um lado o distanciamento dos jovens para com a temática seja por desconhecimento ou por vergonha em abordar o assunto. De outro lado temos os jovens que buscam a sexualização dos corpos, a avidez em experienciar novas sensações. Por isso a apropriações de tecnologias imateriais que potencializem as linguagens incorporadas a estes corpos é tão necessária.

Para Da Costa (2016), a temática sexualidade ainda sendo um assunto que pode provocar polêmica na sociedade. Em algumas famílias, sexo é um assunto por vezes proibido de ser mencionado fazendo com que o jovem adolescente busque informações fora de casa. Não tendo este jovem a quem recorrer por muitas vezes ele se vale de amigos ou parceiros, que fornecem informações conforme suas vivências, podendo estas estarem erradas.

O participar do projeto permitiu sobretudo levar as discussões para o território onde habitam as vivências, onde se possibilita discussões entrelaçando os elos das teorias e das práticas num modelo horizontal onde ambos os envolvidos levam contribuições. Tal aproximação com as juventudes proporciona um ambiente favorável para o estabelecer de diálogos sobre as temáticas de difícil alcance no ambiente de suas casas. Acredita-se que este tipo de atividade facilita o processo de educação entre os pares, a partir do momento em que o jovem constrói saberes podendo assim partilhar com seus afetos.

Nesse processo de desconstruções de pré-conceitos e construções de novos conceitos/saberes, o espaço de realização das atividades desempenha o importante papel institucional, transmitindo a ideia de normas e unificação das ações, não num sentido impositivo mas pela criação de um hábito, onde os jovens sabem onde encontrar as ações, ou seja, este se torna um local de desenvolvimento das atividades dos sujeitos, proporcionando potencial para discutir questões sobre sexualidade e saúde de forma a

deixar o jovem a vontade, seja ao submeter o adolescente a diferentes pontos de vista, seja através da promoção de debates ou pelo fornecimento de informações claras e objetivas; seja por ser espaço de encontro dos adolescentes com seus pares.

Esses encontros permitiram maior acesso ao jovem, pois embora as atividades sejam pensadas do ponto de vista acadêmico com planejamento e organização, sua execução exige menor formalidade e informações trocadas, considerando a diversidade de gênero, etnia, crenças e classe social. Essa troca de ideias entre o facilitador e os adolescentes contribui com o desenvolvimento do pensamento criativo, podendo ajudá-lo a repensar sua condição de saúde visando boas práticas assim como repensar valores e assumir um posicionamento próprio em relação à sua sexualidade e a do outro.

O espaço enquanto ponto de socialização para os jovens, bem como dos grupos que se formam em seu interior (juventudes), proporciona o encontro de ideias e opiniões e o crescimento de saberes, respeito e o vivenciar de diversas fontes de experiências para os facilitadores, construindo assim uma relação mais forte entre saberes e práticas no território.

Vale ressaltar a participação do enfermeiro na perspectiva de profissional da saúde durante as atividades de Educação em Saúde prestadas ao jovem como fundamental por proporcionar momentos de diálogo orientado, não se fazendo por meio de práticas impositivas, mas aconselhando e possibilitando o adotar de consciência crítica sobre a importância de adquirir hábitos saudáveis (Vieiro et al 2015). Para o enfermeiro a estratégia adotada junto as vivências experienciadas e descritas precisaram estar embasadas em estratégias inovadoras de educação, para atender a complexidade do mundo jovem, considerando os determinantes sociais do processo saúde-doença.

Em síntese, a vivência junto aos adolescentes evidencia para o enfermeiro a extensão universitária como alternativa de “orientar” o jovem sobre melhores práticas para sua saúde, construindo saberes numa relação horizontal. Em contrapartida, o enfermeiro aparece como peça principal no alcance desse jovem adentrando ao seu território, que não se constitui apenas pelo espaço físico mas também de suas peculiaridades como indivíduo pertencente a um meio, tal compreensão lhe possibilitou elo entre ensino-pesquisa-extensão, fortalecendo o tripé universitário assim como sua constante formação.

4. CONCLUSÃO

Diante da experiência relatada pode-se concluir que a Enfermagem tem papel essencial no campo da educação em saúde com as juventudes, reconhecendo suas demandas plurais e comunicando-se através da horizontalização de saberes, onde a construção e o compartilhamento de conhecimentos é a base para o diálogo eficaz no despertar dos jovens para os cuidados com a sua saúde em todos os seus aspectos. O protagonismo da Enfermagem na relação direta com esses sujeitos dentro dos territórios mostra que a aproximação de profissionais de saúde e dos jovens pode ocorrer de forma democrática, valorizando suas vivências e convidando-os a se posicionar criticamente em relação a seus corpos e toda a sua construção como sujeitos.

Portanto, a aproximação para com a população nos territórios, dentre ela os jovens, abre espaços para melhores práticas de promoção da saúde e produzem espaços para posicionamentos críticos, os quais permite ao Profissional de Enfermagem estimular o compartilhamento e formação de conhecimentos, além da desconstrução de outros. Tudo isso possibilita um ambiente rico em aprendizagem e contribuições, tornando cada vez mais a Enfermagem uma profissão de habitação dos espaços da comunidade promovendo sempre as boas práticas de enfermagem e o despertar dos indivíduos para o cuidado com a saúde.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Alice Mayra Santiago et al. Adolescência, gênero e sexualidade: uma revisão integrativa. *Revista Enfermagem Contemporânea*, v. 6, n. 1, p. 62-67, 2017.
- CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. *SANARE-Revista de Políticas Públicas*, v. 14, n. 1, 2015.
- CARVALHO, Cecília Maria Resende Gonçalves de et al. Contribuições de uma extensão universitária participativa: uma proposta de educação para a cidadania. *Extramuros-Revista de Extensão da UNIVASF*, v. 4, n. 2, 2016.
- DA COSTA, Thais dos Santos et al. Escola, sexualidade, práticas sexuais e vulnerabilidades para as infecções sexualmente transmissíveis (IST). *Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão*, v. 4, n. 1, 2017.
- DE LIMA CAVALCANTE, Bruna Luana; DE LIMA, Uirassú Tupinambá Silva. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *Journal of Nursing and Health*, v. 2, n. 1, p. 94-103, 2012.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS): capítulos de uma caminhada ainda em construção. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, p. 1683-1694, 2016.

MERHY, Emerson Elias et al. Trabalho em saúde. Material produzido para a EPJV/FIOCRUZ, 2005.

SANTOS, Marks Passos et al. Promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes: educação por pares. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 31, n. 3, 2017.

SOBRAL V, et al. Acolhimento como instrumento terapêutico. In: Santos I, editor. *Enfermagem assistencial no ambiente hospitalar: realidade, questões e soluções*. São Paulo: Atheneu; 2004. p. 65-70.

VIERO, Vanise dos Santos Ferreira et al. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, v. 19, n. 3, p. 484-490, 2015.